

## ESPELHO: OLHAR INTROSPECTIVO EM ALGUMAS NARRATIVAS FEMININAS

*Roberto José da Silva*

### RESUMO

O presente trabalho propõe-se a mostrar como o espelho é um objeto constante nas narrativas femininas. Ele é o elemento que faz as personagens refletirem sobre si, confrontando passado e presente, e também uma vida angustiada ou feliz. É de frente ao espelho que as personagens podem ver a si mesmas, enxergar todos os seus problemas e desejos obscuros. Além disso, o espelho nas narrativas femininas, muitas vezes, é o elemento causador do desfecho da história, funciona quase como um personagem. É nele que as personagens se deparam frente a frente com seus problemas.

**Palavras-chave:** espelho, narrativas femininas, introspecção.

### MIRROR: AN INTROSPECTIVE LOOK IN SOME FEMININE NARRATIVES

### ABSTRACT

This paper proposes in show us how the mirror is a constant object in the feminine narratives. It is the element that do the characters reflect themselves, it put characters' present and past in confront; and an afflictive or happy life in evidence. It's in front of the mirror that the characters can see themselves, see all their problems a dark wishes. Furthermore, the mirror in the feminine narratives, many times, is the causative element of the denouement of the narrative, it works almost how a character. It is in front of that the character meets itself opposite with its problems. **Key-words:** mirror, feminine narratives, introspection.

O espelho na narrativa de ficção sempre foi um elemento que representou um meio pelo qual as personagens se interiorizam e fazem uma investigação da alma. Ele põe em evidência as tensões e conflitos interiores, além de revelar as contradições e desejos recalçados do ser. O espelho pode libertar as personagens de certos constrangimentos, como também causá-los. Nele muitas protagonistas encontram as respostas de suas indagações. O espelho pode fazer a personagem confrontar passado e presente, além de fazer ela lutar contra si mesma.

Nas narrativas de cunho feminino o espelho é um elemento que constantemente aparece como objeto a causar o desfecho na história, em específico nas narrativas de introspecção. A tensão interiorizada nas personagens, muitas vezes, se faz defronte do espelho. Essas narrativas, geralmente, são fragmentadas e nem sempre o tempo é sucessivo; há constantes analepses, ou melhor, flash-backs. O foco narrativo, em geral, é na primeira pessoa, o narrador é a personagem principal, às vezes há um narrador em terceira pessoa, esse pode ser “o” ou “a” antagonista da heroína da narrativa. A personagem apropria-se da palavra, procura conquistar um espaço para ser o sujeito da ação. Além disso, há uma criação de uma linguagem que se adapta à sua realidade: são os monólogos, linguagem erótica, sensibilidade, etc.

As personagens dessas narrativas confinam-se quase sempre em lugares fechados, assim como também se moldam a eles em busca de sua identidade. Esse espaço é o lugar da solidão, composto de objetos que estão nos seus devidos lugares, tudo está adequado e, às vezes, a personagem se incorpora a esse espaço. Os espaços fechados são: salas, cozinhas e, principalmente, o quarto. Em especial é no quarto que há um espelho em que desvanecem as ilusões e

sonhos mais profundos da alma da heroína, quando não, os anseios e conflitos que fazem brotar angústias. Nesse espaço fechado, as personagens, defronte do espelho, quase sempre conflituam os vários “eus” e fazem uma reflexão do que são no presente e do que foram no passado. O que deveria ter mudado e não mudou, o que mudou por força do destino ou algum erro pessoal.

Nas literaturas de língua portuguesa o espelho quase sempre aparece com esse objetivo. Várias escritoras e escritores põem esse objeto para as personagens se auto-analisarem interiormente. Analisarei aqui apenas alguns romances que considero o espelho um elemento fundamental para a narrativa.

Em *Um dia são dias*, de Marta Lima, o espelho aparece como revelador da solidão da heroína. Nesse romance tudo acontece de modo a causar frustrações nas personagens, principalmente em Eduarda. Ela é um exemplo de solidão num ser. Isso se explica por uma reminiscência dela, nas figuras de Rui, o irmão; Jaime, o primeiro marido; e Rodrigo o último marido. Nessa narrativa, primeiramente presenciamos as frustrações da protagonista na vida de adolescente numa província rural-burguesa. Tempos mais tarde, casada com o médico Jaime, tendo uma vida de esbanjamento e viagens; em seguida, um relacionamento com Rodrigo. Nessa obra vemos a extravagância que Eduarda tem nos três momentos de sua vida, pois está inserida no bem estar econômico. As criadas, os automóveis, as jóias, os casacos e outras coisas mais justificam essa vida. Mas, esses três momentos vividos marcam apenas frustrações e solidão, pois sua vida sempre fora um enorme vazio. A única esperança dela era um filho com Rodrigo. O título *Um dia são dias* demonstra justamente a monotonia dos dias nos quais Eduarda vive na solidão. Em um determinado dia Eduarda tecendo a colcha relembra

de tudo que aconteceu em sua vida e conclui que tudo foi só solidão e frustração. No fim da narrativa a protagonista reencontra Jaime e descobre que ainda estava apegada a ele. O tempo da história é de aproximadamente vinte e cinco horas, porém há o tempo psicológico que corresponde a quase trinta anos. A história trata de um dia monótono, a temporalidade acompanha a peregrinação do íntimo da personagem, os momentos vividos no passado se incorporam no presente.

Dito isso resta agora retratar a relação e importância que o espelho tem nessa narrativa. É por meio do espelho que conhecemos a frustração que a personagem vive. Temos aqui uma passagem que Eduarda fica defronte do espelho lembrando o tempo que era uma rapariguinha, quando estudava no liceu e usava um chapéu de crina:

Olha atenta o grande espelho do quarto de vestir que lhe dá a sua figura inteira. Enfeita-se com os canudos cor de palha, tenta refazer o chapéu, põe - carinhosamente na cabeça, a aba em forma de touca. A crina arrendada deixava passar os raios de sol desenhando-lhe no cabelo, na cara, pequenas manchas luminosas. Até as sardas desapareciam. O que a tinham preocupado as sardas! Também essas foram com a carinha dos canudos. Fixa angustiada o rosto de agora, sereno, ridículo naquele entremez. Onde está o nariz curto que não anunciava este e a boca enxágüe sem ainda o jeito sinuoso e sensual? Onde está o ar tímido – desculpem se existo – e o peito reentrante “unir omoplatas a menina lá ao fundo, esquerdo, direito, esquerdo ...” e as pálpebras baixas e o riso retraído? Então no álbum, no álbum ficaram. O álbum que o Rodrigo nunca viu. O que desiludira vê-lo! Corajosamente ergue os olhos para os olhos do espelho e encontra-se. As pupilas frias, densas, de um castanho sem *nuanças*, são as que tanto via quando se consultava no tocador da mãe e se dizia: não sou esta, não sou nada do que eles pensam. Então lhe vinha de dentro aquilo (víbora, cobra, bicho parecia) que lhe andava enrolado e às vezes tinha que nesses

momentos ficavam sensíveis, a latejar, a fechar e abrir irreprimível. Então era capaz não de ódio, mas de desprezo. Um bicho mau o que nesses momentos agia em si, mas ao mesmo tempo uma faculdade, um sentido divinatório. Sem elementos nenhuns, era aquele que deixava ver a ignorância dos mestres, o inútil idealismo do pai, a estatura da mãe e a anomalia que eram o Rui e ela saídos da mistura daqueles dois. Nesse tempo ainda não conhecia a palavra “amor” e, se a conhecesse, não a ligaria ao dormirem o pai e a mãe na mesma cama (LIMA, 1969, p. 63 - 64).

Nessa citação vemos Eduarda diante do espelho lembrando os momentos de criança e adolescência, momentos que retratam a donzela cheia de pudor e quando levava uma vida sempre aos cuidados dos pais. Há nessa cena o momento de conflito em que ela confronta a menina cheia de sardas com a mulher de hoje com o rosto ridículo e sofrido. O álbum de retratos da protagonista enquanto criança confrontava com a mulher ali refletida no espelho. Há um momento em que se retraem a angústia, o ódio, a víbora, a cobra que se escondia naquela criança e, às vezes, vinham à tona quando Eduarda já era mulher. Ainda diante do espelho a heroína tem convicção de que aqueles momentos de infância e adolescência junto à família não passaram de um momento que ela causava muita angústia para todos entes da família.

Em outra passagem aparece o espelho como nota dissonante do interior da personagem. É quando ela, para de frente de uma vitrina, medita sobre sua vida entre devaneios. Lembra a sufocação que tanto lhe corroia, a vida luxuosa em Paris, o rosto bem cuidado e o chapéu feito de feltro confeccionado à custa de uma disjunção, são recordações angustiosas de um tempo que se fora e só deixara lágrimas.

Por fim, em *Um dia são dias*, temos as lembranças de toda uma vida em um dia, e que todos os dias são iguais e só são angústias e

frustrações para Eduarda. A única coisa que lhe resta é a solidão, muitas vezes, refletida no espelho: “Nunca mais, nunca mais! E a vitrina cheia de Luminal (lá vem o nome) e eu a preparar-me para entrar num deserto”. Assim a vida de Eduarda era um enorme deserto.

Em *As palavras poupadas*, de Maria Judite de Carvalho, o espelho também aparecerá muitas vezes como elemento dissonante da solidão. Graça, a personagem principal, passa por conflitos em razão de um remorso por causa de uma carta enviada aos pais. Graça é uma mulher da classe média urbana de Lisboa, angustiada por conflitos que não se resolvem. Assim Graça procura no seu passado a solução para sua solidão diante do espelho

Há algumas passagens nesse romance que a protagonista questiona as suas angústias:

Estava parada em frente do espelho e olhara-se demoradamente, ansiosamente, como que à espera de qualquer coisa que ainda não nascera, não estava ali, não existia. Aquela era a cara, a sua, a de todos os dias, que cansaço. Seria feia? Nem isso a interessava. Ainda não tinha chegado ao patamar onde tal problema estaria à sua espera. Começava pelo fim, pelo alto, sem saber. Olhava o espelho fadigada daquele rosto ainda incompleta — pois se era um rosto de quatorze anos! — farta dele. Uma criança esquisita. ‘É uma criança sem mãe, Vasco’ (CARVALHO, 1973, p. 21).

Nessa passagem vemos Graça diante do espelho e de sua existência. Além da solidão, a imagem refletida no espelho era de uma mulher demolida pelo cansaço, enfim, uma vida sofrida. A ausência da mãe substituída pela madrasta lhe causara terror. Ela já estava farta de si mesma. A sua infância sem a mãe lhe deixou cicatrizes que não tinham saído e sempre lhe causavam dor.

Há outra passagem em que o problema da existência é um fator angustiante para a heroína:

Estava sentada a uma mesa com Cláudio, mas limitara-se a deitar um olhar decente àquele *fait-divers* que pelo menos era original e noutra qualquer outrora a teria possivelmente divertido. Ao seu lado havia um grande espelho que de vez em quando lhe oferecia fugazes imagens turvas, esverdeadas aquática de si própria.

Fugia sempre a sentar-se perto de um espelho. Os espelhos, pensava, eram feitos para a gente se estudar, de frente ou a três quartos, com atenção, durante alguns segundos, e para depois deixarem de existir. Mas aqueles que refletiam sucessivamente dezenas, centenas, milhares de imagens suas, em movimento, perturbavam-na. Via-as mesmo sem as olhar. A mão a ir lentamente até à boca, o cinzeiro onde a cinza (a sua?) se tombando muito ao de leve (ibid, p. 24).

Graça limitava-se a se olhar no espelho, pois não a encontrava, as imagens refletidas eram turvas, esverdeadas, ou melhor, era a imagem de uma mulher que estava sendo diluída no tempo por todos os seus problemas desde a infância, adolescência, casamento e agora viúva sozinha. Além disso, o espelho lhe causava pânico, fugia dele. Como a própria protagonista disse: “o espelho serve para a pessoa se estudar”, pois é ali em frente ao espelho que a protagonista se auto-analisava, se olha por dentro, via as suas angústias, desilusões, além de tudo, conseguia fazer uma análise crítica da sua vida no passado. Nesse romance a casa de Graça e os móveis fazem parte dela, eles eram herança que a avó, antes de morrer, havia dado a ela e assim, a personagem se integra a esse espaço e aos móveis.

O espelho ainda revela o modo de ser de Graça e ela detestava seu modo, pois sempre fora subjugada como uma mulher que tinha que ficar à mercê dos outros, não foi por opção, tratava-se de uma vida infeliz. O espelho, nesse romance, funciona como elemento que faz a heroína estudar a enorme cratera negra da alma. A alma de Graça

estava posta a ser investigada. O espelho em pedaços é uma metáfora da vida despedaçada dela.

Enfim, a solidão de Graça é explicada pela vida trágica que teve e, principalmente, pela ausência do marido, que morreu de doença. Graça vive o cansaço da existência e está sempre a fugir de si mesma, os seus conflitos são revelados pelas lembranças do passado.

Em *Armários vazios*, também de Maria Judite de Carvalho, narra-se o drama de Dora, personagem nuclear que procura compreender as reações da filha. Dora era uma personagem angustiada, viúva há dez anos e que se sentia solitária. Nesse romance a personagem central, por ser dotada de uma idade avançada, se identifica com os objetos de sua loja de móveis, o *museu*. O espaço do *museu* é dimensional, torna-se simbólico, pois caracteriza impropriamente a personagem. A história é narrada por Manuela, narradora homodiegética e depois autodiegética. Manuela era mulher de Ernesto que não era feliz com ele, pois Ernesto queria ter um filho para deixar a herança, mas isso não foi possível.

O espelho em *Os armários vazios* aparecerá como elemento que disporá a paixão e um novo estágio na vida de Dora. Ela já tinha a imagem do seu marido por esquecido e após ter conhecido Ernesto no *museu* passa a se cuidar mais:

O Ernesto passou pelo *museu* no dia em que foi vender a coleção de selos a uma casa da especialidade que ali ficava perto. Por isso, quando o Ernesto entrou, ela estava sozinha. Mais concretamente, estava a pôr batom, em frente do pequeno espelho de Veneza, gesto esse que nunca teria passado pelo espírito dele atribuir Dora Rosário, da Salvation Army e por aí fora. Ele entrou, pois viu aquela mulher a arranjar a cara no espelho e perguntou-lhe se a senhora dona Dora não estava (id, 1966, p. 79).

Eis aí o espelho como revelador de uma vida nova e sem prisões. Dora agora passa a se

preocupar mais consigo. Parece querer se vingar dos tempos perdido anteriormente. Esse momento foi, sem dúvida, o início de uma revolução na vida dela. É diante do espelho que Dora deseja tornar-se bonita, deixar todo rastro de frustração para trás, tornar-se uma mulher nova. Afinal, ela era uma mulher cansada, de poucas palavras, poucas amigas e não se confessava. O espelho era o grande meio de ela se encontrar consigo.

Outra passagem importante em que aparece o espelho nesse romance é quando Dora acorda de madrugada, olha no espelho da *“coiffeuse e lhe lanham de chofre*, quase agressivamente, três imagens vagas, flutuantes, ainda um pouco inquietas com a brusca mudança. Era ela, seria ela?”. Dora passa a questionar diante do espelho a sua própria imagem. Se era ela mesma ou o que lhe aconteceu? As mudanças estavam ocorrendo em sua vida depois de dez anos. A personagem diante do espelho comporta-se como alguém que desejava fugir de si mesma, queria fugir da existência que era obrigada a sobreviver. Diante do espelho ela olha o retrato de Duarte e percebia que a imagem dele na sua vida estava se diluindo, e ela diante do espelho via uma outra mulher, bem diferente da de dez anos atrás. É claro e visível que essa mudança vai deixando Dora mais bonita e sensual. Porém, ela tem consciência e medo de cair na promiscuidade.

O espelho também aparecerá como o objeto de angústia para Dora, pois é ele que denuncia a idade dela:

Antes e depois de usar o creme X ou de lavar o seu rosto com o sabonete Y. A enfermeira deu-lhe um espelho, penteou-a, e ela viu uma vez mais (já se dera conta disso na véspera), que era de novo outra, não a Dora Rosário de antes da conversa nocturna com a sogra, nem a Dora que se seguira a essa mesma conversa, mas outra. Não voluntariamente envelhecida. Depois, a ligadura tapava-lhe parte da cara. E por baixo da ligadura, o que haveria?. [...] A

parte visível do seu rosto era mais flácida, surgira uma espécie de pequenas rugas novas, havia no canto do olho direito (o outro também estava semi-escondido), um pequeno feixe delas em leque, que fechavam e abriam quando ela tentava sorrir. ‘Acha que o creme X ...?’ perguntou à enfermeira. Depois abanou a cabeça. ‘Desculpe, nem sei o que estou a dizer. Nunca usou o creme X, pois não?’

Não. Nunca usei creme nenhum. Só um leite à noite, antes de me deitar. Por uma questão de higiene, para limpar os poros.

‘Claro, claro’ (ibid, pp. 152 – 153).

Era uma Dora que usava saias curtas e se pintava (apressadamente e quase sem olhar para o espelho porque aquilo que via não lhe agradara muito), mas com algo da fase precedente. Os seus cabelos eram outra vez presos na nuca, as meias tinham. Os seus olhos passavam do apagado quase total de casa vazia ao brilho excessivo de quando se exaltava um pouco (ibid, p.166).

Nessas duas passagens temos Dora no hospital após ter sofrido um acidente e ao receber um espelho se dá conta de que já está um pouco envelhecida, o que lhe causa muita frustração. A partir daí, as outras citações em que aparece o espelho são cenas que demonstram a imagem do rosto de Dora já mudado, envelhecido. Seu rosto já não é mais o de dez anos atrás, já estava com muitas rugas. O único meio agora era usar cremes para disfarçar esses sinais de velhice. E assim ela passou a usar uma máscara, pois nunca fizera isso antes. Essa era a única saída, maquiarse toda e apressadamente diante do espelho, pois como já é sabido o espelho trazia-lhe transtornos. O rosto dela refletido no espelho lhe causava terror. Os sentimentos, sensações e pensamentos do presente davam-lhe uma nova existência que ela mesma desconhecía. Dora enfrenta o conflito do eu interior, do pudor com o mundo exterior, pois queria sair logo do hospital e voltar ao seu *museu*, já que se integrava àqueles móveis velhos e os pedaços dela

se encontravam em todos os cantos daquele *museu*. E assim, o romance termina com uma personagem que enfrenta seus conflitos internos e isso se acentua quando ela se olha no espelho. Dora se integra ao espaço e móveis antigos do *museu*, mas não aceita a velhice, veste uma máscara, a maquiagem, para fugir da idade que tem.

No romance *Mulher no espelho*, de Helena Parente Cunha, temos uma narrativa que relata a duplicidade dos “eus” da personagem. O romance é uma auto-análise da personagem diante do espelho. Retrata uma mulher de quarenta e seis anos, que não tem nome ficcional, e que é esposa fiel e exemplar de um marido autoritário, que se tornou também uma espécie de substituto do pai dela.

Esse romance representa a dupla personalidade da personagem. A primeira personalidade é a que a personagem vive realmente, sob a tutela do pai e do marido. A segunda é a dos sonhos e dos desejos. A mulher que ela gostaria de ser se resume em não ter medo de nada, ser livre, porém isso implica preconceitos e discriminação numa sociedade machista. A única forma encontrada para ser livre era lendo poetas e romancistas. As leituras eram o refúgio que a personagem encontrava para entrar no seu mundo onírico:

Desde pequena, sempre gostei muito de ler. Os meus poetas. Meus romancistas. O meu espaço aberto de liberdade e fantasia. O meu prazo de franquia e dispensa. Quando leio corto as correias da sujeição e escapo acima de muitos limites. Outros mundos que cristalizo, os fantasmas que conquisto. Crio margens para o meu resgate (CUNHA, 2000, p. 74).

Como já dissemos, no romance há essa duplicidade de faces, pois a mulher que escreve não é a autora, mas sim uma escritora fictícia:

Quem é a mulher que me escreve? Eu sei, por que eu a inventei. No entanto, não para me escrever como quiser. Que ela saiba, desde o início. Ela me escreverá na medida da minha própria determinação. Eu, personagem irremediavelmente encravada na vida dela. A mulher que me escreve se sente perdida, sem situar-me, presença irresistível que lhe escapa, escorre, atordoando e móvel dominação. Sem querer, ela começa a misturar suas emoções com as minhas. Inevitável a projeção, mas não se dará no seu ângulo de ilusão. Melhor esclarecendo, seu ângulo de ilusão se abrirá na abertura de meus espelhos. Desde já, se estabeleça a separação. Ela é ela. Eu sou eu. Ela tem seus problemas. Eu tenho os meus. Se existo na imaginação dela, não foi ela que me criou. Fui eu mesma que me fiz. Depois a inventei. Fluidas criaturas de minha imaginação. Ela quer me agarrar. Não consegue. Escapo de suas palavras. Suas ansiedades. Este meu modo de fugir (ibid, pp. 18 – 19).

Aí temos essas vozes, a que conta aquilo que gostaria de ser e suas amarguras e a outra voz que a contrapõe, apresentando a outra versão da história, de como poderia ser essa mulher livre. A relação de interdependência das vozes é muito importante na estrutura dessa obra, como é propriamente apontada no romance:

A mulher que me escreve não percebe sutilezas e concessões de uma vida a dois. Não entende que se não insisto para termos vida social, é por respeitar os princípios morais de meu marido, que se choca ante os excessos e os desmandos da vida atual.

*Os escrúpulos moralistas de seu marido não impedem de assistir a todas as pornochanchadas que os cinemas exibem nem muito menos de manter relações de amizade com gigolôs, prostitutas ou donos de cabarés de terceira categoria* (ibid, p. 20).

Também é notável a dominação que a personagem sofre, tal como o conformismo dessa relação. Ela é tratada como objeto para o marido. Do outro lado, temos a consciência dessa personagem

pondo a mulher enquanto ser humano e seus direitos, se libertando de todos esses absurdos machistas:

Meu marido acha que devo viver, exclusivamente, exaustivamente para ele. Isso me faz muito feliz. Na opinião de meus filhos, toda mãe tem obrigação de se dedicar de modo absoluto a quem pôs no mundo. Esta é a razão da minha vida.

*Você não pode continuar a alimentar esta atitude absurda. É preciso ter consciência dos seus próprios direitos, sobretudo nos dias de hoje, final da década de 70, numa cidade como Salvador. A mulher deve reagir, Não se permitir levar pelos caprichos e exorbitâncias da família. Você não pode continuar a viver assim* (ibid, p. 26).

O narrador do romance é autodiegético, pois é co-referencial com a protagonista do romance, é a personagem própria que narra a si mesma. O espaço é fechado, forte, são os diversos lugares em que a personagem vive e viveu no passado. Podemos citar, por exemplo, o sótão, lugar em que a personagem se via no espelho e sentia suas angústias, os quartos e demais espaços fechados que aparecem no romance.

Podemos dizer que não há predomínio do tempo, trata-se de um tempo de duração, com constantes flash-backs. Esses flash-backs são os diversos monólogos interiores que aparecem na obra, é a voz do outro “eu” da personagem. Esses monólogos são a voz do “eu” que quer se libertar, quer ser livre de um passado angustioso. Ao mesmo tempo esses monólogos são provocações que forçam a personagem refletir. Temos nesse romance a análise prática do ser por meio do auto-retrato e de implicações de vozes da personagem, tendo assim uma introspecção do ser, cuja narrativa esboça o interior da protagonista.

O espelho nessa narrativa é um objeto fundamental, quase que um personagem. Já no próprio título da obra ele aparece e deixa-nos uma

intuição de uma narrativa de complicações e introspecção da personagem. São inúmeras as cenas que aparecem o espelho como objeto de contraposição da personagem e seu auto-retrato no espelho. Esse objeto desempenha o papel de contrastar os dois “eus” da personagem: um em dizer algo e o outro em contradizer, ou desmentir. E assim o espelho desempenha o papel de perturbação e de por frente a frente os dois lados da protagonista.

No início da obra fica claro a duplicidade da protagonista que vai se conflitar diante do espelho. O tempo passado e o presente se chocam. A memória do passado se conflita com o “eu” interior no presente, desse choque desencadeia-se uma frustração e angústia na heroína. A narração da vida dela é, na maioria das vezes, uma acusação a si própria. Essas acusações vêm do seu eu interior. É como se fosse duas pessoas discutindo uma diante da outra. O espelho é o elemento a confrontar o ser e a aparência. Ao mesmo tempo, o espelho coloca frente a frente o interior da personagem com suas atitudes. Seria como se a protagonista tivesse uma máscara. Quando ela está com a máscara tem determinadas atitudes, depois que tira e se olha no espelho se auto-acusa:

Eu vou começar a minha estória. Agora, na superposição de meus rostos, em convergência de datas. Aqui, no cruzamento de meu corpo com o espaço das minhas imagens. Tenho o que dizer, pois vou dizer-me a mim mesma, como qualquer pessoa que se põe diante da memória ou dos espelhos (ibid, p. 17).

Essa passagem confirma o que já dissemos sobre a duplicidade da personagem refletida no espelho.

Nesse romance temos uma narradora autodiegética co-referencial que tenta esclarecer as duas faces da personagem, mesmo sendo uma

criação de ficção e de origem interna da própria personagem:

Melhor esclarecendo, deu ângulo de ilusão se abrirá na abertura de meus espelhos. Desde já, se estabeleça a separação. Ela é ela. Eu sou eu. Ela tem seus problemas. Eu tenho os meus. Se existo na imaginação dela, não foi ela que criou. Fui eu mesma que me fiz. Depois a inventei (ibid, p. 18).

Nessa passagem confirma-se a autonomia da narradora como uma entidade separada da personagem e, que, por só existir na imaginação dela será quem causará esses conflitos. Essa entidade interior se resume como remorsos ou sentimentos de culpa que a protagonista tem em relação a algo que já fizera na vida anteriormente. Tanto a protagonista como essa entidade psicológica são uma só, elas só se separam quando há um sentimento de culpa que irá questionar e cobrar a protagonista.

A questão da identidade é um outro problema que causa conflito à heroína. Há inúmeras passagens em que a personagem central se olha no espelho e não vê o seu rosto, mas sim outro e tenta saber de quem é aquele rosto refletido ali. Isso explica que a personagem está longe de si própria, ela passa a se procurar nos espelhos. Essa entidade interior que conflita com a personagem revela um outro lado da vida da protagonista. É por essa entidade que às vezes descobrimos a verdade dos fatos. Seria muita ingenuidade do leitor acreditar cegamente na protagonista sem tentar saber se aqueles fatos são verídicos, pois ela sempre se põe numa condição de coitada ou de vítima. Já a entidade interior mostra o outro lado da história, na maioria das vezes, pondo a protagonista como culpada daquilo que agora sofre.

O espelho também é um objeto de revelação de desejos e sonhos eróticos, temos algumas

passagens em que o espelho denuncia os desejos recalçados da personagem:

Sozinha no quarto, lá dentro do espelho, eu e eu, gosto de me ver. Eu? Ela? Charmosa e bonita nos sensuais vestidos impedidos, nos vedados sapatos de vedete, os saltos muito altos, a tira de couro em volta da perna. Quem é? Quem sou? Sob a carne, sob o sangue. Estou muitas. Por alguns instantes, me atiro fora do círculo onde me fecho. Me fecharam. Os espelhos das portas dos armários do meu quarto. Eu em muitas direções. Súbita e múltipla, em cada posição. Vou e volto, olhos nos espelhos. Eu em tantos rumos nunca trilhados, que por rápidos instantes os reflexos me concedem. [...] Muitas vezes gosto de me ver nua, sozinha no quarto, nos mistérios do meu corpo que o infinito dos espelhos cruzados me entendem, me prometem, me acenam. Espreito pelas frestas do que foi negado. Do que foi nudez me atraí, me excita, me lançam por onde nunca me tracei. Dentro dos espelhos. Sinto um orgasmo que não sinto. Orgasmo sem orgasmo. O suicídio lentamente assumido no dia- a -dia. Somente pelos espelhos se prenuncia a avidez do meu sexo, relegado à nudez e à ausência (ibid, p. 47).

Nessa passagem confirmam-se os desejos obscuros da personagem. Ela é uma mulher presa. O quarto é o seu cárcere e dentro desse quarto há um espelho que emite difusoramente os desejos recalçados dela. É defronte desse espelho que a heroína, no seu quarto fechado, veste as roupas “imorais”, pois sempre fora reprimida pelo pai e pelo marido. Mas os seus desejos sempre ficaram no seu interior e quando ela se encontrava punha-os para fora.

A sensualidade também aparece nessa cena, a protagonista sente prazer em se ver nua diante do espelho. Os desejos de recalçamento são visíveis nessa cena. Mas as excitações deixavam-na atordoada, pois sente medo e esse medo é explicado pela opressão que sempre fora subjugada.

E era assim, num quarto fechado e diante do espelho, que a protagonista libertava seus desejos, como ela mesma disse: “me fecharam”, e o medo fazia com que ela fizesse aquilo apenas sozinha entre quatro paredes.

Há uma outra passagem que retrata a personagem em busca de sua existência. Quando o espelho se quebra no chão, o rosto dela é refletido nos diversos pedaços dele. Sua vida está toda dividida, quebrada em pedaços difíceis de ser juntados; assim como aconteceu com o espelho:

Minhas mãos estão sangrando sobre os pedaços dos espelhos espalhados pelo chão. O sangue mancha os espelhos partidos. Minhas mãos doem, penetradas de infinitas lâminas. Perco-me de todos os rostos. Os pedaços de rosto a meus pés. No desespero me atinjo. Eu? (ibid, p. 49).

O espelho quebrado é uma metáfora da vida dilacerada da protagonista, sua vida está em pedaços o que faz com que viva os conflitos internos. Uma das angústias e frustrações que explicaria isso seria o nascimento do irmão. Esse irmão era muito esperado pelos pais e tomou as atenções dadas à protagonista. Mas não é só isso, a vinda dela ao mundo já não era muito desejada pelos pais. Seus pais queriam que viesse um menino, ao invés dela. Com certeza essa é uma das explicações que justifica sua maior frustração.

E assim o espelho desempenha diversas funções na vida dessa personagem. O espelho nessa obra tem duas funções: a de objeto físico de revelar os desejos e frustrações da personagem; e da protagonista dialogar consigo mesma, a entidade interior. Essa entidade interior seria como sua antagonista que põe as lembranças do passado em conflito com o presente. O romance *Mulher no espelho* apresenta justamente uma personagem dialogando com o seu *eu* interior cheio de frustrações e angústias.

Por fim, podemos concluir que o espelho na literatura de expressão feminina é o objeto pelo qual as personagens refletem sobre si, seu inconsciente, suas frustrações, suas angústias e seus desejos obscuros. E é diante dele que as personagens se deparam com suas repressões, imagens contraditórias e desdobramentos que trazem conflitos entre o interno e o externo.

### Bibliografia

- ASSIS, Machado. "O espelho". In: *Obras completas de Machado de Assis - papéis avulsos*. São Paulo: Editora Brasileira, 1959. p. 257 –271.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis. O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CANIATO, Benilde Justo Lacorte. *Maria Judite de Carvalho: A solidão da mulher*. Tese de doutoramento. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1988.
- CARVALHO, Maria Judite de. *As palavras poupadas*. Lisboa: Arcádia, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Os armários vazios*. Lisboa: Portugalia, 1966.
- CASTELLO, J. Aderaldo. *Machado de Assis: crítica*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1959.
- COMELIN, P. *Nova mytologia grega e romana*. trad. Thomas Lopes. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Garniere. p. 175-176.
- CUNHA, Helena Parente. *Mulher no espelho*. 6.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- CUOTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de literatura brasileira / oficina literária*. dir. Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro: FAE, 1989. vol. 1, p. 409.
- ECO, Umberto. "Sobre os espelhos". In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. trad. Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia grega e romana*. trad. Victor Jaboille. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993. p. 322.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p. 276.
- LIMA, Maria de. *Um dia são dias*. Porto: Inova, 1969.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MARIAS, Julian. *A mulher no século XX*. trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo: Editora Convívio, 1981.
- MEDEIROS, Maria Osana Costa. *A mulher, o lúdico e o Grotesco em Lya Luft*. São Paulo: Annablume, 1996.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. vol. 3.
- MENDONÇA, Fernando. "Ficção de autoria feminina ou o sabor da solidão". In: *Literatura Portuguesa no século XX*. São Paulo: Hucitec, 1978.
- NITRINI, Sandra. "Literatura comparada no Brasil". In: *Literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 183- 277.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Editora Nacional, 1946.
- SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. 5.ed. Coimbra: Almedina, 1983. Vol. I.